

ANAIS DO  
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

**TRABALHO LIVRE E TRABALHO  
ESCRAVO.**

VOLUME II

XLIV

Coleção da *Revista de História* sob a direção  
do Prof. Eurípedes Simões de Paula.



SÃO PAULO — BRASIL  
1973.

# ALGUNS PROBLEMAS DO ENSINO UNIVERSITÁRIO DA HISTÓRIA E DE SUA METODOLOGIA, NO MOMENTO ATUAL (\*).

---

*CÉLIA FREIRE D'AQUINO FONSECA*

do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (GB).

## I. — *Resumo da Comunicação.*

1. — No momento atual, julgamos que há necessidade do ensino da História, nos cursos superiores, percorrer uma nova etapa, sem grande demora. É que a aspiração geral de atualização da Universidade brasileira corresponde, também, a uma necessidade de progresso no campo intelectual e técnico das ciências em geral.

2. — O ensino da História no Brasil, salvo algumas excessões não tem acompanhado de modo satisfatório o avanço metodológico que se tem verificado, no campo da História e das Ciências Sociais, nos grandes centros culturais do exterior. Apesar da falta de condições para maior desenvolvimento das pesquisas e mesmo do trabalho universitário comum, mais ou menos geral, sobretudo no plano material (salarial, aparelhamento de bibliotecas, dificuldades para obtenção dos trabalhos recentes, revistas especializadas, teses e livros, pessoal auxiliar, reprodução de documentos para estudo, pesquisa e treinamento de alunos, aparelhagem para reprodução e leitura de documentos, etc.), seria possível melhorar, se prosseguirem os planos de incentivo e apóio anunciados pelo MEC. Programa já em aplicação parcial em algumas Universidades, a fim de melhorar a preparação dos alunos e os planos de ensino e pesquisa, sem demora maior que o tempo exigido para o alargamento dos quadros de pessoal habilitado. Esse objetivo podia ser alcançado em cursos intensivos para aperfeiçoamento de licenciados ou

---

(\*) . — Comunicação apresentada na 3ª sessão, Equipe C, no dia 8 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*).

professôres das Universidades, em especial os que só mais recentemente ingressaram nos quadros universitários. Chamamos a atenção de que não se trata de cursos de didática (que se referem quase exclusivamente, no Brasil, à questão de técnica de aulas) mas da atenção às bases elementares da metodologia histórica (1).

\*

## II. — *Didática da História no Curso Superior*

1. — Entendemos que, o mais adequado, no ensino superior da História, são os métodos que procurem preparar não só historiadores como professores razoavelmente habilitados, conscientes dos problemas dos estudos históricos e sociais, da validade e deficiências da historiografia existente, capazes de crítica às obras publicadas e dotados de conhecimento elementar das técnicas de pesquisa e das novas contribuições à História como às Ciências Sociais em geral. Essa base deve fazer parte da cultura fundamental de um professor de História, e apesar de não poder ser aprofundada satisfatoriamente nos anos em que, como aluno, frequentou a Universidade, não pode deixar de ser iniciada nessa fase.

2. — Nas condições em que se encontra o ensino da História, nos cursos superiores das Universidades brasileiras (2), é urgente insistir em três pontos, para uma primeira atualização:

a) relacionamento dos estudos com a conjuntura geral da época que se estuda. Significa não esquecer as conexões entre a área estudada e os centros mundiais a ela relacionados, sobretudo nos aspectos ou ligações de mais influência sobre sua organização econômica, social e política. Não é preciso insistir na importância desse aspecto para o estudo da história dos países que se constituíram inicialmente como colônias européias, como é o caso do Brasil e demais nações da América. Essa relação está presente no estudo das Estruturas das áreas estudadas, como na análise da conjuntura sobretudo as de longa duração; e não somente no estudo dos acontecimentos do período estudado.

---

(1). — Já chamamos a atenção para o problema da confusão entre didática e metodologia histórica, e que pode ocasionar conseqüências desastrosas para o ensino da História no país. Veja-se Célia Freire D'Aquino Fonseca, *A Disciplina Técnica de Pesquisa e sua contribuição ao ensino da História e de sua Metodologia no Brasil*, Comunicação à XXIII Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Curitiba, 5 de julho de 1971.

(2). — Sobre essa questão veja-se Francisco Iglésias, *A pesquisa histórica no Brasil*, Comunicação à XXIII Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Curitiba, 5 de julho de 1971.

b). — re'ação entre a historiografia da fase abordada no curso e a documentação conhecida. Este ponto, aliás, parece-nos da maior importância para o progresso do ensino nas Universidades em sua fase atual, relacionado a uma renovação não só didática (para curso superior, novamente insistimos), como também metodológica. Esta última, no sentido de um contacto e treinamento mínimo com a metodologia da História, pròpriamente. Para êsse treinamento, constante, elementar, mas indispensável, torna-se necessário um aparelhamento mínimo da unidade, no sentido da existência de documentos publicados (e com facilidade de reprodução em quantidade suficiente para uso dos alunos) que devem ser examinados, lidos, interpretados e relacionados às obras publicadas. Êsse deve ser o passo indispensável, dadas as condições muito desatualizadas do ensino superior da História, na maioria das Universidades brasileiras. É sobretudo na disciplina Técnica de Pesquisa que a aplicação desses métodos são possíveis, além de indispensáveis (3).

Ao lado desse contacto básico com os documentos e seu relacionamento com as obras publicadas, o assunto deve ser reexaminado à luz de novas técnicas, quando possível, e das teorias de mais importância (como as teses de mais atualidade e validade), ensaiando-se outras abordagens, críticas às obras, reinterpretações, etc.

3. — atenção ao progresso das ciência afins e obras de importância nessas disciplinas (Geografia, Economia, Antropologia, Sociologia, etc.), pois muitas de suas contribuições podem ser de grande utilidade para os estudos históricos, inclusive em suas reformulações técnicas de aplicação mais recentes, inovações metodológicas, etc. Tais são os casos de aplicações do método estatístico, de demografia histórica, estudo de populações, produção, movimento de exportação-importação, etc.

Quanto à dificuldade de dominar técnicas tão diversas, apesar de assuntos e interesses comuns, como assinalou o Prof. Francisco Iglésias em sua Comunicação à reunião de Curitiba (4), as pesquisas e os estudos se beneficiariam com o trabalho em equipe. Essa colaboração poderia ser dada por especialistas de outras técnicas, pelo menos na parte em que os estudos em realização o requeressem. Assim, certos aspectos do trabalho ou da pesquisa geral seriam particularmente examinados por um dos elementos da equipe, quando dominasse regularmente a técnica ou disciplina necessária ou, quando não houvesse grupo permanente, podia ser solicitada a opinião de um

---

(3). — Célia Freire d'Aquino Fonseca, *loc. cit.*, pp. 3-6.

(4). — Francisco Iglésias, *loc. cit.*, em especial as pp. 36-40, e 46-47.

ou mais especialistas. Dêste modo o problema da extensão e variedade crescente de técnicas, de utilidade para as pesquisas e trabalhos em realização, podia ser resolvido de modo razoável, com a divisão racional das tarefas.

4. — outras sugestões, de caráter teórico-prático, foram feitas na Comunicação recentemente apresentada em Curitiba e, por êste motivo, não as repetimos. Outras sugestões se referem, também, às condições de trabalho oferecidas na maioria das Universidades, e sua influência não pode ser ignorada no rendimento e na situação dos estudos históricos e sociais no Brasil.

\*

\* \* \*

#### INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Earle Diniz Macarthy Moreira* (ICHL/UFRS. Pôrto-Alegre. Rio Grande do Sul).

Diz que, como achega ao oportuno trabalho da Autora, quer apresentar o caso do Rio Grande do Sul — e talvez de todo o país — onde está aberta, no momento, uma polêmica algo séria entre a comissão de carreira universitária, que ordena o currículo do bacharelado e da licenciatura naquilo que se refere à formação específica do graduado e a comissão de carreira de Educação, que pretende:

a). — um aumento substancial de créditos nas licenciaturas, muito além do 1/8 mínimo proposto em lei;

b). — nas licenciaturas progressivas, tal como está previsto na nova lei de bases do Ensino, a possibilidade de praticamente, com 40 créditos específicos, já que 22 se esgotam nas generalidades do 1º ciclo, lançar o estudante no magistério, naqueles graus que são facultados pela dita lei.

Entende que há:

1º). — uma fixação excessiva nas matérias chamadas pedagógicas com prejuízo da formação científica do licenciado:

2º). — que no curso superior está havendo pura e simplesmente transposição de técnicas e *objetivos* educacionais próprios do ensino médio e até do ensino primário, não adequados ao desenvolvimento intelectual do universitário; por outras palavras, um certo “dirigismo didático” prejudicial na medida em que cria aversão pela verdadeira pesquisa, pelas leituras laboriosas, etc. Algo assim co-

mo levar 20 ou 25 anos alguém a comer a papinha colocada na boca pela genitora super-zelosa... a infeliz criatura condiciona o seu organismo a isso pelo resto da vida.

Assim é que, encampa plenamente os argumentos e as conclusões da Autora e uma das incumbências que recebeu em Pôrto-Alegre foi trazer à Autora a solidariedade dos professôres universitários gaúchos.

\*

Da Profa. *Lucinda Coutinho de Mello Coelho* (IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro. Guanabara).

Declara que em relação à pesquisa de documentos por alunos seria interessante que fôssem os mesmos levados aos arquivos e às seções de manuscritos. Lembra a experiência feita pela Pontifícia Universidade Católica, de grupos de alunos que fizeram estágio no Arquivo Público Nacional, auxiliando na pesquisa, cujo estágio seria computado no crédito final. Pergunta: seria possível aproveitar essa idéia e essa experiência?

\*

Da Profa. *Maria do Socôrro Ferraz Barbosa* (ICH/PUC. Recife. Pernambuco).

Declara que a Autora levanta problemas ligados à Metodologia de grande significação. Entende, como a Autora, que a disciplina Introdução aos Estudos Históricos necessita de uma aplicação mais efetiva e no caso seria a “técnica de pesquisa” que daria essa complementação.

Observa que os alunos iniciantes não têm maturidade intelectual suficiente, devido à falta de informação histórica correta no Curso Médio, para uma compreensão real da disciplina. Sendo a disciplina de Introdução aos Estudos Históricos de cunho conceitual ela não deveria ser ministrada no início do curso profissionalizante, o que não ocorre com Metodologia, e sim nos últimos períodos, onde se supõe que o aluno já adquiriu informações suficientes para uma compreensão vertical dos fatos históricos.

\*

\* \*

RESPOSTAS DA PROFESSORA CÉLIA FREIRE D'AQUINO FONSECA.

Ao Prof. *Earle Diniz Macarthy Moreira*.

1). — Manifesta-se inteiramente de acôrdo com o interpelante quanto à “fixação excessiva nas matérias pedagógicas”, com os pre-

juízos de que já falou. Pois, o que faz progredir a ciência é a metodologia e não a didática, que apenas coordena os resultados. Se a metodologia não progride — ou nem sequer se atualiza — a didática lidar com resultados desatualizados ou defeituosos e, ao contrário, só contribuirá para equívocos e mitos em relação à História. O que pode ser de um prejuízo incalculável, uma vez que, como se sabe, o objetivo maior da História, como escreveu Wilhelm Bauer, é estabelecer a verdade histórica. Os objetivos correlatos existem, mas o primeiro — a verdade histórica — é básico e indispensável, e este não é a didática (no Brasil, aliás, quase que entendida apenas como técnica de aulas) mas a metodologia que pode estabelecer.

2). — Quanto à segunda pergunta, diz que o pior não é dirigismo didático propriamente, mas a elementaridade desse dirigismo — com ênfase em textos e não na metodologia da ciência histórica. Sobre as conseqüências da má formação metodológica, já respondeu na questão anterior.

3). — Agradece a solidariedade dos professores gaúchos que lhe foi trazida pelo ilustre colega — cousa que muito lhe honra. Além disso, é o Rio Grande do Sul autoridade em métodos pedagógicos e assim, mais valioso se torna ainda o apóio dos professores universitários gaúchos que, como outros de várias regiões, alcançaram os perigos da confusão de orientação científica que se esboça. De fato, a luta por um progresso real das ciências no Brasil, naturais ou culturais, é uma luta comum em benefício do país.

\*

À Profa. *Lucinda Coutinho de Mello Coelho*.

Declara que está de acôrdo com a interpelante de que é necessário a freqüência dos alunos nos arquivos e seções de manuscritos. Mas, parece-lhe, seria em uma fase posterior àquela da qual se ocupa. Tratou na sua Comunicação do inicial, do que não pode ser mais adiado, pois, como se sabe, estamos muito desatualizados em relação ao estudo e aplicação de uma metodologia necessária ao estudo da História nas Universidades do Brasil. Em parte por esse motivo é que à confusão de que falou se estabeleceu e não mais se pode adiar as medidas iniciais para que o problema seja convenientemente resolvido.

\*

À Profa. *Maria do Socôrro Ferraz Barbosa*.

1). — Diz que de fato, os alunos iniciantes não têm maturidade para bem compreender os problemas históricos, ministrados em Introdução à História, inclusive porque ainda não conhecem prò-

priamente História. Essa disciplina é em geral ministrada na 1ª série, com a agravante de se dar ao mesmo tempo Metodologia e Teoria da História, o que lhe parece difícil, com exceção da Universidade de São Paulo e talvez outras Faculdades daquele Estado. Em São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na 1ª série os alunos estudam Metodologia e na 4ª série Teoria da História, o que lhe parece mais proveitoso e lógico.

2). — Afirma, também que não é possível exigir dos professores de Introdução uma direção mais teórico-prática do que apenas teórica, apesar de que seria desejável êle seguir a primeira direção. Assim, a disciplina Técnica de Pesquisa, recentemente introduzida, é a medida que lhe parece mais útil à correção da impossibilidade do professor de Introdução atender a tantas lacunas. Assim, o professor de Introdução cuida sobretudo da parte geral, enquanto o professor de Técnica de Pesquisa cuidará principalmente da parte teórico-prática, com ênfase no treinamento dos alunos na pesquisa e contacto inicial com os documentos (reproduzidos através de Xerox, a fim de não danificar os documentos originais). Sobre estas questões, aliás, fez uma Comunicação à XXIII Reunião Anual da Sociedade para o Progresso da Ciência, em Curitiba, quando a História pela primeira vez tomou parte. Mutas das medidas então sugeridas estão desenvolvidas no trabalho que agora apresenta.